



ESTRATÉGIAS DE PROJETO PARTICIPATIVO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Autores:

Júlio Barretto Gadelha - Fau Mackenzie - juliobarrettogadelha@gmail.com
Tomaz Amaral Lotufo - tomlotufo@gmail.com

Resumo:

Esse artigo propõe desenvolver um olhar mais amplo sobre o tema da sustentabilidade na arquitetura. Os critérios para analisar se um projeto é sustentável ou não passam pelo entendimento de que o equilíbrio em relação à sustentabilidade só é conseguido se também houver, além da dimensão ambiental, uma visão técnica e social sobre o tema. Para isso deve-se entender que o projeto de arquitetura faz parte de um processo que engloba aspectos técnicos e metodológicos por etapas de desenvolvimento, que estão vinculadas às questões sociais pertinentes à comunidade a qual o projeto se destina. Os cenários para a discussão e proposição dessa nova abordagem são as periferias das grandes cidades, nas quais uma grande parcela da população vive em estado de imensa vulnerabilidade social, necessitando de intervenções no território que tenham uma visão de conjunto entre as partes. O processo participativo de construção de uma ideia é fator fundamental para a elaboração do projeto.



ESTRATÉGIAS DE PROJETO PARTICIPATIVO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL.

A proposta do coletivo Escola Sem Muros para o Jardim Damasceno, periferia do município de São Paulo.

SEÇÃO TEMÁTICA: ABORDAGENS SOBRE A CIDADE E O URBANO

1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão para a sociedade, em geral, e para os arquitetos, em particular, no sentido de apontar mudanças no PROCESSO DE PROJETO, algo abstrato que, depois de materializado, é preenchido e utilizado pelos usuários, ou seja, algo que pode ser criado e construído conjuntamente. Deseja-se então reconhecer no arquiteto alguém que atua como colaborador de um processo, ora como técnico, como alguém que estimula a criatividade do grupo ou como facilitador gráfico e, em outros momentos, como participante efetivo, no sentido de propor que o usuário não mais veja esse profissional como um semideus que tudo decide, mas como um parceiro da construção coletiva de uma intenção, um participante com instrumentos para qualificar o produto final.

Essa temática está cada vez mais presente, sobretudo em eventos organizados por estudantes de arquitetura como aconteceu na semana Viver MetrÓpole, evento realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de agosto a outubro de 2017. No evento, buscou-se resgatar a aproximação do profissional-arquiteto com o território real, que é o lugar da arquitetura. Enquanto o projeto de arquitetura é desenvolvido em escritórios



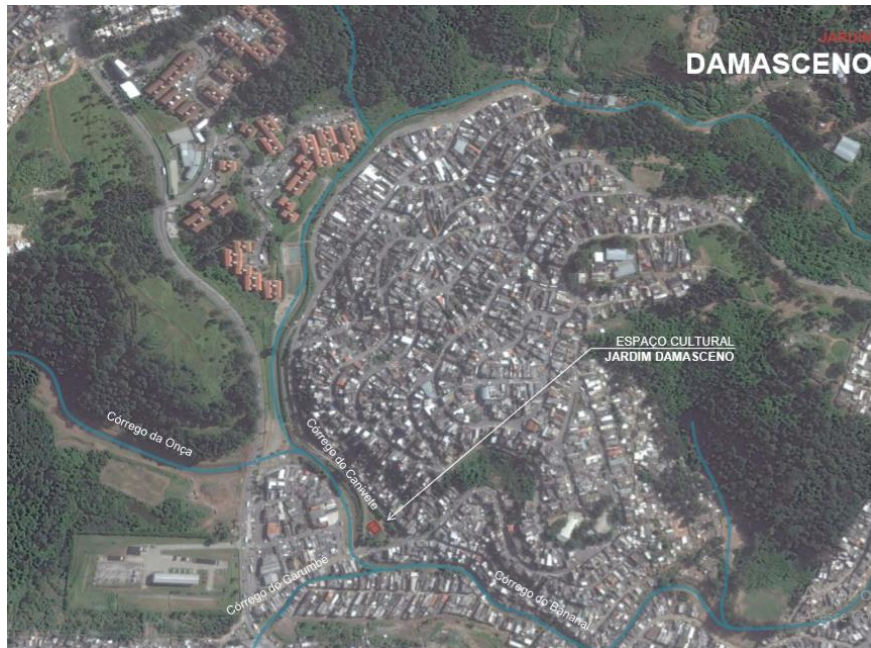
isolados ou na sala de aula, distante da realidade dos futuros usuários, o encontro com o território real pode despertar uma série de percepções importantes para a adequação da arquitetura ao contexto social e ambiental. Pesquisa realizada no ano 2015, pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) e o Instituto Datafolha, demonstra que o serviço do arquiteto é dedicado a apenas 15% da sociedade, representados pela parcela de maior “poder” econômico (<http://www.caubr.gov.br/pesquisa-caubr-datafolha-revela-visoes-da-sociedade-sobre-arquitetura-e-urbanismo/>). Dados como esses demonstram que é urgente ampliar o acesso à arquitetura e, conseqüentemente, que esta atividade cumpra a sua função social e ambiental. No Brasil, país com altos índices de desigualdade social, a problemática da arquitetura deve ser enfrentada de dentro, ou seja, a partir do território, o que pressupõe, naturalmente, a inclusão dos territórios de vulnerabilidade social.

Entender a arquitetura; entender **O PROJETO COMO PROCESSO**. Analisar o terreno e suas condicionantes legais (legislação urbana), ambientais, o entorno e a região onde se localiza. Conversar com a comunidade, esboçar croquis e discutir em conjunto sobre as possibilidades de transformação. A proposta de projeto vai se modificando e, ao mesmo tempo, se retroalimentando no desenvolvimento da construção. Este artigo propõe discutir e analisar algumas ações visando transformar o entendimento do processo de projeto. São elas:

- Apresentar, como exemplo de intervenção em territórios de vulnerabilidade social, o trabalho do coletivo ESCOLA SEM MURROS a partir de uma proposta de imersão de dez dias, na periferia de São Paulo, mais especificamente, no **Jardim Damasceno**, zona norte da cidade.

- Apresentar parâmetros de projeto com o intuito de sugerir caminhos e possibilidades para atuar em territórios de vulnerabilidade social, trazendo para a discussão o conceito de que nas **ESTRATÉGIAS PROJETUAIS** o que realmente importa é o **PROCESSO DE PROJETO** com a comunidade, ou seja, com a participação de todos, inclusive e especialmente de crianças, para sugerir possibilidades de espaços de uso coletivo na cidade que possam ser efetivamente apropriados por essa comunidade.

Para desenvolver e seguir uma linha de pensamento coerente, a dissertação de mestrado do arquiteto Tomaz Amaral Lotufo, *Um novo ensino para outra prática, o exemplo do coletivo Rural Studio nos Estados Unidos da América*, (2014) será um elemento teórico fundamental.

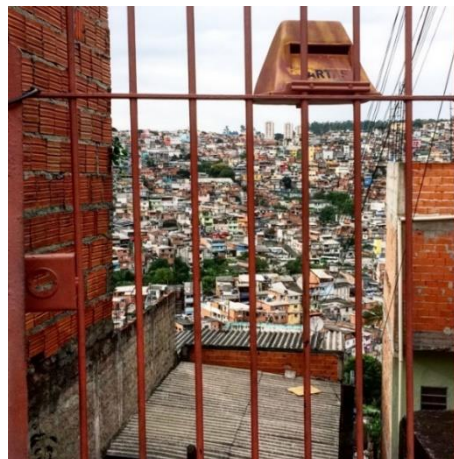


Figuras 1: Localização do Espaço Cultural Jardim Damasceno.

Fonte: Caderno Espaço Cultural Jardim Damasceno Coletivo Escola Sem Muros.



Figuras 2: Jardim Damasceno
Fonte: Autor



Figuras 3: Jardim Damasceno
Fonte: Autor

2. A PROPOSTA, O PROJETO E A IMERSÃO NO JARDIM DAMASCENO. ESCOLA SEM MUROS

O Escola Sem Muros é um programa de imersão de dez dias com estudantes das áreas de arquitetura, design e engenharia interessados em ter uma vivência prática e colocar seu conhecimento a serviço da sociedade e das pessoas e saberes da própria comunidade. A jornada de aprendizagem propõe vivenciar um saber que ultrapassa os muros da universidade, deixando um legado prático para a transformação da comunidade local.

A Escola Sem Muros é um escritório colaborativo de arquitetura e permacultura, focado em projetos de baixo impacto ambiental, com caráter

comunitário e pedagógico. Por meio de projetos de edificações e equipamentos urbanos, busca facilitar o acesso a tecnologias que promovam autonomia, gerando uma mudança cultural e de olhar: da escassez para a abundância. Defende uma arquitetura integrada considerando os aspectos sociais, ambientais e econômicos, para entender todo projeto como oportunidade de aprendizado e empoderamento daqueles envolvidos. É a síntese da proposta de se projetar com sabedoria, preservando os sistemas de manutenção da vida, valorizando a economia dos materiais e os recursos disponíveis no planeta, o conforto térmico, sistemas de coleta e tratamento de água, a energia renovável e eficiente.

2.1 O PRIMEIRO PROGRAMA

O primeiro programa, Escola Sem Muros 2018, aconteceu de 19 a 28 de janeiro na Vila Brasilândia, bairro da zona Norte de São Paulo. Estudantes de algumas partes do Brasil e também de outros países participaram de uma jornada de aprendizagem junto com atores da comunidade local com o objetivo de deixar um legado para o bairro, no caso, a reforma do Espaço Cultural Jardim Damasceno, espaço-chave na luta pelo direito à cidade.



*Figura 4: Grupo responsável pela reforma do Espaço Cultural Jardim Damasceno.
Fonte: Tatiana Zaratini*

Em 2017, uma campanha de financiamento coletivo foi lançada e conseguiu arrecadar o valor necessário para a compra dos materiais necessários à execução da obra de reforma daquele espaço cultural da comunidade (<https://benfeitoria.com/escolasemmuros>). Foram dez dias dentro do Jardim Damasceno; dez dias trabalhando, conversando e brincando, para desenvolver e executar a proposta de intervenção naquela área. Uma experiência de imersão no dia a dia das pessoas, com o intuito de se aproximar e participar da concretização de uma ideia, onde o processo de pensamento é o eixo principal do trabalho coletivo proposto.

2.2 O PROJETO PARTICIPATIVO DO ENTORNO E MELHORIAS NA ÁREA DE INTERVENÇÃO



Podemos separar o desenvolvimento do projeto colaborativo em duas etapas. Em um primeiro momento, fazendo parte do trabalho desenvolvido pelos educadores e estudantes dos cursos de permacultura (PDC) em conjunto com a comunidade, conseguiu-se uma leitura macro do território, entendendo as fragilidades e potencialidades para futuras intervenções concretas na área.

O Curso de Design em Permacultura (PDC) foi realizado pelo Coletivo Permasampa em parceria com o Instituto Casa da Cidade e o Espaço Cultural Jardim Damasceno (ECJD).

O PDC é um curso reconhecido internacionalmente e visa capacitar os participantes a planejar territórios com baixo impacto ambiental e incentivar o empoderamento social, a partir da gestão sistêmica de recursos naturais energéticos, construtivos, alimentícios e hídricos.

O programa inclui aulas teóricas, visitas a campo, atividades práticas e aplicação dos conceitos estudados em um projeto de ocupação de um território existente (estudo de caso). No projeto deve-se pensar em elementos com edificações, sistemas de produção de alimento, gestão energética, água e saneamento.

O curso acontece uma vez por semestre e entre os anos de 2015 e 2017, ocorreram quatro versões em que além das atividades práticas, o estudo de caso foi o Espaço Cultural Jardim Damasceno. Neste período 20 equipes desenvolveram projetos permaculturais para a área, sempre consultando os usuários do espaço. A partir desse diagnóstico o trabalho sugeriu uma primeira ação: propor um projeto de requalificação do espaço cultural do Jardim Damasceno como catalizador do início das mudanças na área.

Uma equipe de educadores e estudantes foi formada para sintetizar os projetos realizados em um projeto para ser executado. Projetaram conjuntamente - um novo espaço cultural, entendendo as pré-existências do local, entendendo, discutindo e incorporando as sugestões e visões dos que ali habitam.

Educadores, estudantes e comunidade

O projeto foi concebido seguindo as premissas bastante familiares e consagradas no dito popular, o famoso bom, bonito e barato.

O bom é a possibilidade de, no processo de execução, os participantes incorporarem o modo de fazer com as técnicas específicas do material usado, no caso em questão, o bambu tratado com sua alta qualidade estrutural e pensado como parte de um sistema pré-fabricado in loco.

O bonito, no projeto é realçado pela leveza do material bambu que, em uma sequência de tesouras estruturais, cria um ritmo no espaço, delimitando o volume a ser preenchido com vedações em algumas partes, e outras não, dependendo dos usos e dos fluxos do espaço.

O barato é uma consequência de projeto arquitetônico, no qual o sistema estrutural enxuto e adequado possibilita peças mais delgadas. O material bambu é altamente resistente e de valor acessível. A proposta é que a execução seja realizada pela comunidade conjuntamente com participantes de programas de imersão promovidos pelo coletivo Escola Sem Muros. A escolha de peças de bambu pré fabricadas na obra é também para facilitar o processo que envolve trabalhadores que muitas vezes não estão acostumados com construção civil, afinal, além do bambu ser mais leve que a madeira, o maior trabalho é realizado no chão, não em cima de altos andaimes.

A proposta de desenvolvimento da segunda etapa faz parte da própria imersão. Com o projeto arquitetônico do Espaço Cultural já definido e de posse de algumas leituras cartográficas e vivências sobre o território, o grupo de participantes



do curso e da comunidade, trabalhando conjuntamente, se apropria das informações e, de forma colaborativa, propõe intervenções na área do entorno imediato do futuro edifício de bambu.

No decorrer dos dias da imersão, frentes de trabalhos são abertas com diversas oficinas de como fazer, basicamente, em três áreas: as tesouras de bambu da superestrutura do espaço; requalificação da horta com fechamentos externos adequados, reorganização dos canteiros, plantio e adequação da compostagem; e adequação de acessos e fluxos aos espaços coletivos, com a escada/arquibancada entre a área coberta do Espaço Cultural e o campinho de futebol.



*Figura 5: Projetando com as crianças.
Fonte: Autor*



*Figura 6 e 7: Projetando com a comunidade o entorno do Espaço Cultural
Fonte: Tomaz Lotufo*



3. PROJETO E IMERSÃO NO JARDIM DAMASCENO.

Foram dez dias vivendo dentro da comunidade do Jardim Damasceno, dormindo, acordando e realizando refeições. Dez dias conhecendo, trabalhando, discutindo, conversando, analisando e brincando para desenvolver e executar a proposta de intervenção no Espaço Cultural do bairro. Uma experiência de imersão no dia a dia das pessoas, com o intuito de aproximar-se da comunidade e de participar da construção de uma ideia, onde o **processo** de pensamento é o eixo principal do trabalho coletivo proposto.

3.1. Contexto Histórico e Geográfico A história do Jardim Damasceno, Brasilândia, não é muito diferente da história do surgimento de outras periferias na cidade de São Paulo. A lógica de embelezamento e do planejamento urbano da capital do Estado, implementada nas décadas de 1940 e 1950, na gestão do então prefeito sanitário Prestes Maia (1938 – 45) com seu plano de abertura de grandes avenidas, acarretou a demolição de moradias populares e cortiços da área central. A política governamental habitacional da época não supria e não fornecia suporte técnico e financeiro para a população de baixa renda se estabelecer com dignidade em habitações nas áreas centrais, mais perto dos locais de trabalho e com toda a infraestrutura que um grande centro pode proporcionar. (PIRES, 2012) Assim, a administração pública, de forma quase natural “fechou os olhos” para o processo irregular de ocupação e autoconstrução nas bordas da cidade legalizada existente, onde a população, deixada à própria sorte, foi se estabelecendo em regiões sem infraestrutura pública, sem planejamento urbano e, conseqüentemente, sem nenhuma gestão governamental, ou seja, sem governo.

O local onde hoje existe o bairro Vila Brasilândia, no extremo norte do município de São Paulo, era uma antiga fazenda de cana-de-açúcar que foi loteada irregularmente em 1947 para atrair a população expulsa da área central. Tal processo é um reflexo do que aconteceu e ainda acontece com a inexistência de políticas habitacionais brasileiras.

O bairro, que se formou predominantemente através de assentamentos precários, não possui coleta de esgoto. O relevo é de alta declividade, as ruas são estreitas, os pequenos terrenos estão completamente ocupados formando uma ocupação urbana de alta densidade, segundo censo de 2010, na época viviam 265.000 pessoas na Brasilândia em uma taxa de 1,26 habitante por metro quadrado. Equipamentos urbanos básicos para usufruto dos moradores praticamente não existem pois dificilmente pode-se encontrar espaços livres, tanto público como privado. O Espaço Cultural Jardim Damasceno é uma exceção desta lógica.

Um espaço aberto e livre, em um bairro adensado e vulnerável, é potencialmente o lugar de conexão, aproximando escolas, moradores, organizações sociais e comerciantes, promovendo condições para o desenvolvimento integral da comunidade. (Escola Sem Muros, citação de texto escrito para a Bienal de Veneza, 2018)



3.2. A ideia da imersão

Como dito acima, a falta de políticas públicas em relação à produção de habitações para as camadas menos assistidas fez com que loteadores clandestinos e a própria população ocupassem de forma irregular as áreas periféricas do município. Com isso, não houve um planejamento urbano real e um olhar mais técnico sobre a melhor forma de se estabelecer no território. O que se constata nos dias de hoje é que há uma grande quantidade de habitações nessas áreas em situação de risco. A falta de saneamento básico e de um desenho correto das vias para o escoamento das águas pluviais, fato potencializado pela ausência de projetos arquitetônicos tecnicamente adequados para a localidade, acarreta deslizamentos de encostas, alagamentos, dificuldade de locomoção da população e dificuldade, quando não impossibilidade, de implantação dos serviços públicos essenciais, como a coleta de lixo.

Com a falta de organização do espaço no território e sem regras claras para seu uso, outro grande problema verificado é a falta de áreas verdes e de lazer nessas localidades, com a também irregular ocupação de áreas de preservação, nas bordas dos córregos ou em encostas. O alto índice de adensamento das construções não deixou quase nenhuma área livre nessas regiões.

É nesse contexto que o Espaço Cultural Damasceno se insere. A proposta da Escola sem Muros foi criar um lugar de encontro, de afetividade, um espaço cultural com áreas verdes e de lazer para a comunidade que habita aquela área; um “respiro” em uma região esquecida pelo poder público há mais de 70 anos.

No rincão destes morros e áreas adensada, onde chega a chuva e o esgoto existe o Córrego do Canivete, sua margem foi desapropriada em 2012 para a criação do Parque Linear no Canivete. No início do parque está a única edificação que não foi removida por resistência da população, o Espaço Cultural Jardim Damasceno (ECJD), e neste local, desde 1993 se desenvolvem atividades da comunidade. O ECJD é um galpão que foi construído na década de 1980, a partir de uma mobilização dos moradores da região pela reivindicação de infraestrutura básica no bairro, como: saneamento, iluminação, abastecimento de água e pavimentação das ruas. Pouco tempo depois, a EMURB (Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo) instalou-se ao lado do ECJD para atender e orientar os moradores a respeito dos procedimentos de regularização fundiária.

No início da década de 1990, após deslizamento do morro, o galpão serviu como abrigo provisório para as famílias vítimas. Após a desocupação, passou a ser o espaço da recém fundada Associação de Moradores do bairro (08/05/93), a 25 anos o local acolhe diversas atividades culturais e socioambientais, saraus com poesia e música são tradicionais, também por muito tempo foi no ECJD a sede do exemplar programa “arte na rua” e outras atividades como oficinas de costura e reciclagem, cursos de alfabetização de jovens e adultos. O espaço recebe constantemente grupos de pesquisa de universidades como a USP e São Judas, lá acontecem diversas assembleias, atividades de conselhos municipais. Estes são alguns fatos que demonstram a relevância do ECJD para o bairro e a cidade de São Paulo.



3.3. A aproximação com a Permacultura

Para que nossa sociedade se desenvolva de forma mais sustentável e usufrua dos ganhos econômicos sdequados os desafios são imensos e pressupõem uma nova abordagem (nem tão nova assim) no tocante à forma como a população do planeta se apropria dos recursos naturais e como lida com as formas de ocupar o território, seja no meio rural, seja no meio urbano. No meio rural, é importante ter uma visão de como diversificar plantios, preservar áreas de floresta e restaurar biomas ameaçados para que, em conjunto, tais ações possam proteger as águas e enriquecer o solo, para que no futuro não nos falte terra para plantar e água para beber.

A permacultura, um conceito sistematizado pelo australiano Bill Molison, trata de entender as relações entre as várias camadas do desenvolvimento das plantas, suas relações com o meio circundante e o homem. Propõe um olhar sistêmico, onde as partes desse sistema se organizam de forma radial, em áreas de plantio, e essas conexões sensíveis potencializam a interação dos vários elementos em um todo. Assim, enriquecem ambientalmente a área que faz parte desse conjunto.

No caso das áreas urbanas, a sustentabilidade, termo que poderíamos facilmente substituir por ações coerentes com o meio, se dá de forma mais difusa e não tão clara como a relação homem-natureza, na área rural.

Imagine, então, transpor para o meio urbano os mesmos conceitos de permacultura, que já vêm sendo trabalhados, há algum tempo, em áreas rurais. Como seria essa abordagem?

Dentro desse contexto é que surge o coletivo **PermaSampa**, que sugere novos olhares e novas uma nova abordagem para se intervir na cidade, sobretudo em áreas abandonadas, residuais, subutilizadas e de vulnerabilidade social, onde o conceito básico da permacultura é o fio condutor para essa transformação.

O grupo PermaSampa na cidade de São Paulo se propõe a tratar das questões ambientais na cidade e com as pessoas que habitam esse território. Para isso, diversos cursos voltados a uma visão sistêmica sobre temas como, por exemplo, a forma como nos relacionamos com o ambiente construído e com a natureza, foram ministrados ao longo de três anos na Casa da Cidade, no bairro de Vila Madalena em São Paulo. Dentre esses cursos o Certificado de Design em Permacultura (*Permaculture Design Certificate* – PDC, na sigla em inglês) engloba diversos saberes, aprofundando conteúdos e práticas em quatro módulos ao longo de um ano.

A proposta e construção efetiva em alguma área da cidade fazem parte dessa proposta. Daí a escolha da região da Vila Brasilândia, no Jardim Damasceno, Zona Norte do município de São Paulo. Em 2015, defido a parceria do Coletivo Permasampa com a Secretaria do Verde, na gestão municipal de 2012-2016, onde o local foi sugerido pela Ana Velardi diretora da UMAPAZ na época, espaço voltado a educação ambiental do município de São Paulo sediada no parque do Ibirapuera

3.4. Viabilidade da proposta de intervenção. Detalhamento do Projeto



Os cursos de permacultura na Casa da Cidade e nas imersões no Jardim Damasceno foram bastante enriquecedores sob vários aspectos, tanto como aprendizado prático e teórico de técnicas e conceitos usados na permacultura, como também no aspecto social, nas relações humanas e afetivas entre as pessoas que acreditam que é possível e viável a criação de um mundo mais justo, mais solidário, coerente e com mais qualidade de vida. Suscitou ainda que a abrangência das ações e discussões sobre as possibilidades de intervenção no território estavam tímidas e poderiam ser muito mais profundas. Algo que possibilitasse que cada intervenção fosse o polo gerador radial de mudanças permanentes e estruturadas, com a participação efetiva da comunidade.

Assim surgiu a proposta de implementar o projeto de reforma, ampliação e construção do Espaço Cultural Damasceno e para isso foi criado o programa **ESCOLA SEM MUROS** que busca construir equipamentos comunitários por meio de práticas pedagógicas integrando estudantes, profissionais e comunidade no processo de construção. Alguns dos integrantes desse coletivo também são os educadores ou alunos do curso de PDC (*Permaculture Design Certificate*). São os arquitetos Tomaz Lotufo, Henrique Pinheiro, Marcella Arruda, Flávia Burcatovsky, Cassio Abuno, Andressa Violeta, Ranyely Araujo.

A partir da vontade de ampliar as ações efetivas no território e da sistematização do material desenvolvido nos cursos de permacultura com a comunidade, desenvolveu-se uma discussão sobre as possibilidades de intervenção na área do Espaço Cultural Damasceno e seu entorno, elencando as diversas propostas para a área. Concluiu-se que, para uma efetiva mudança nos aspectos estruturais das carências da região, seria necessário desenvolver o projeto de reforma, ampliação e construção do galpão do Espaço Cultural Damasceno, transformando-o em elemento irradiador das propostas de melhorias para toda a área da comunidade.

A primeira ideia escolhida foi o detalhamento concreto do projeto do galpão utilizando estrutura de bambu, para desenvolver a construção em conjunto com as pessoas que usufruem do espaço e habitam na região, estudantes de arquitetura e pessoas interessas no tema. Assim, o projeto colaborativo do Galpão Damasceno e seus espaços internos e externos foi desenvolvido de forma participativa com a comunidade e alunos do curso de Permacultura PDC e, posteriormente, detalhado pelos arquitetos Cassio Abuno e Tomaz Lotufo do escritório colaborativo **SEM MUROS arquitetura integrada**.

Com o detalhamento do projeto, foi possível quantificar os materiais, o tempo de trabalho e a mão-de-obra necessária para a construção do galpão. Com todos esses dados em mãos, escolheu-se um tipo de financiamento coletivo online, denominado Benfeitoria, que é uma plataforma de mobilização de recursos para projetos de impacto cultural, social, econômico e ambiental.

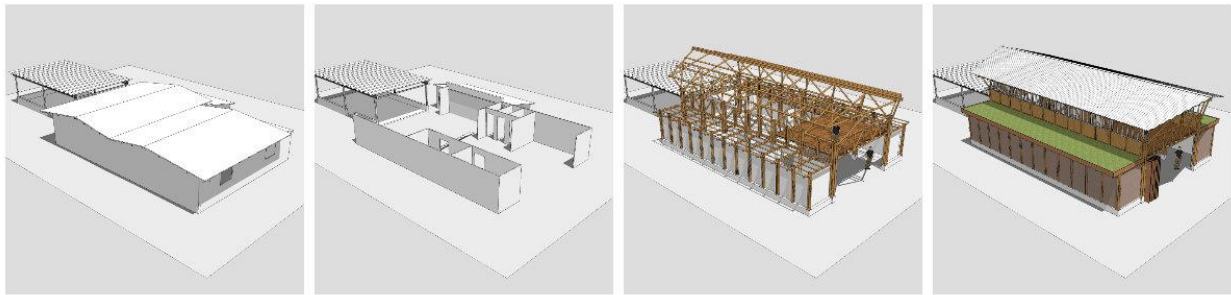


Figura 8,9,10 e 11: Desenvolvimento do projeto Espaço Cultural
Fonte: Escola Sem Muros

3.5. A campanha de financiamento coletivo

A campanha de financiamento coletivo teve início no dia 8 de novembro de 2017, na sede do Sindicato dos Arquitetos de São Paulo (SASP) com a palestra/conversa conduzida pela equipe de coordenadores da ESCOLA SEM MUROS, sobre as **intenções** da proposta de intervenção e com a apresentação do projeto para o galpão.

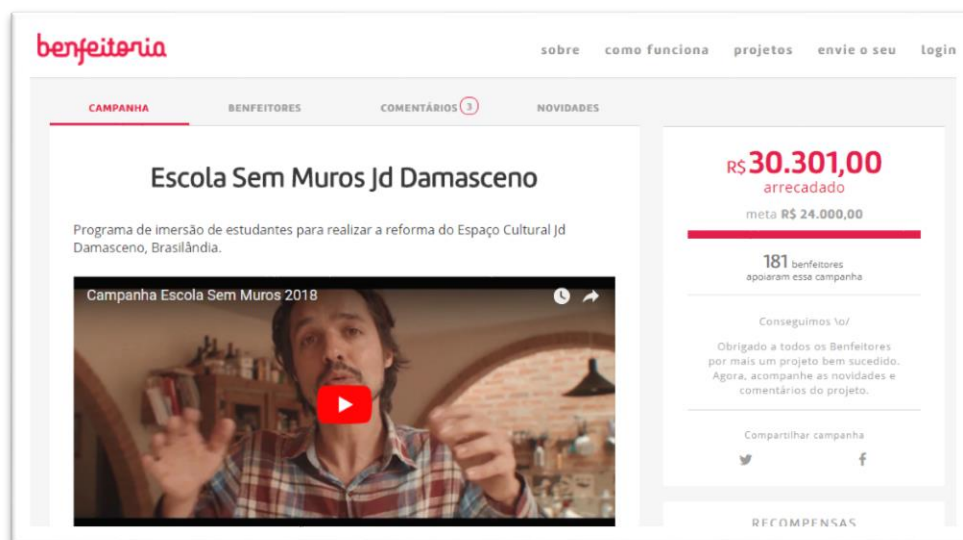


Figura 12: Página inicial da campanha de financiamento na internet
Fonte: Escola Sem Muros

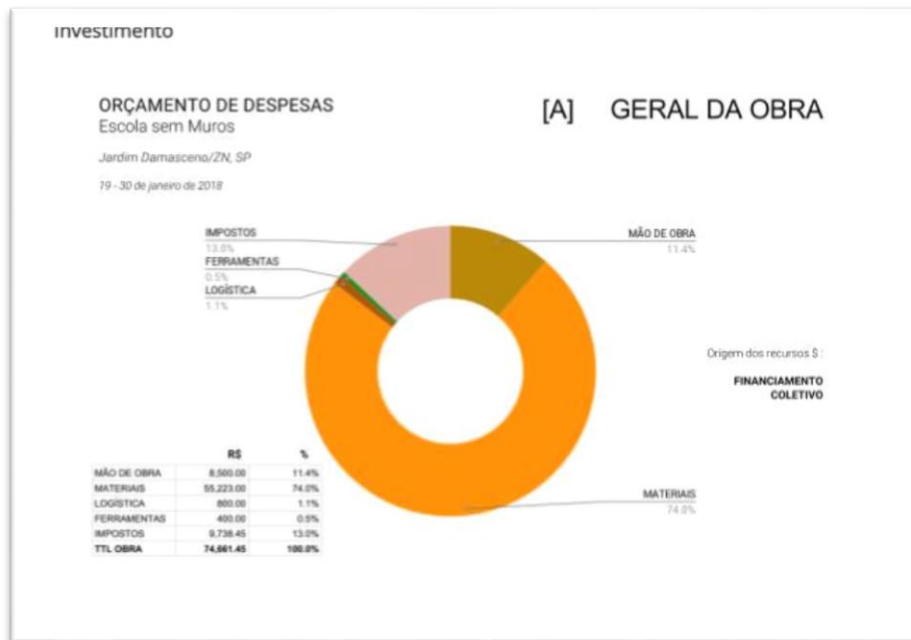


Figura 13: Página da campanha de financiamento na internet
Fonte: Escola Sem Muros

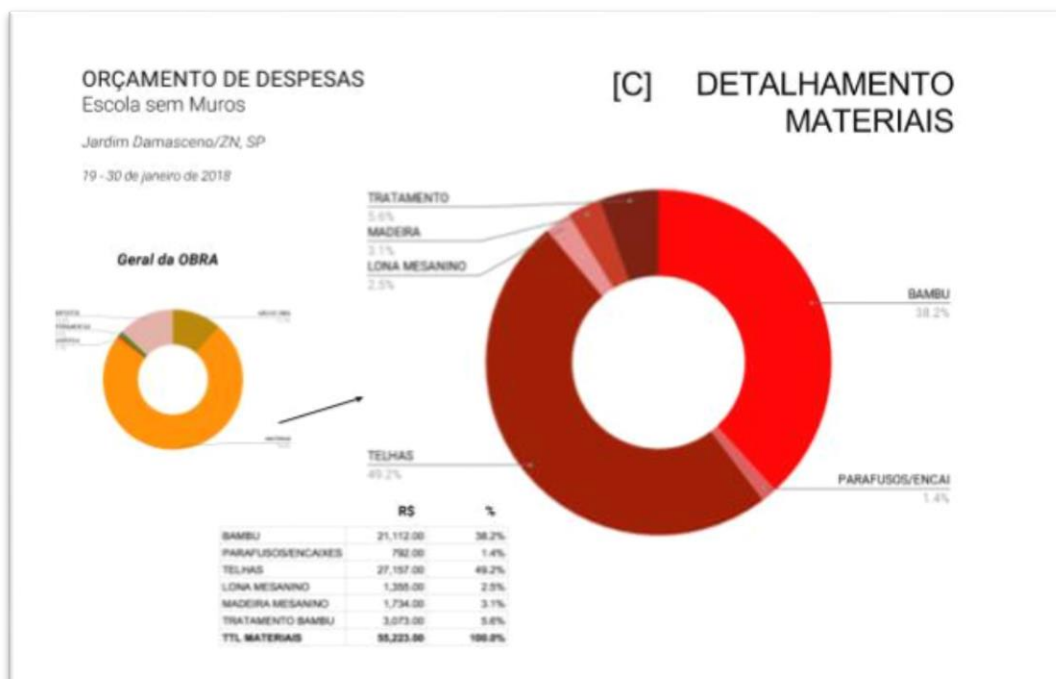


Figura 14: Página da campanha de financiamento na internet
Fonte: Escola Sem Muros

A campanha organiza-se da seguinte forma. O financiamento coletivo tem uma meta a ser alcançada pelo sistema, ou tudo ou nada. Isso significa que se não conseguisse atingir a meta proposta, ou seja, o financiamento total, no caso desse projeto do Espaço Cultural Damasceno o equivalente a 24.000,00 reais, todo o



dinheiro arrecadado deveria ser devolvido. Se o financiamento coletivo alcançasse a meta proposta ou fosse além do teto estipulado, a campanha configurava-se como um sucesso.

Para estimular as pessoas a contribuírem para a proposta, estipulava-se uma série de “recompensas” que, nesse caso, variavam entre R\$ 10,00 até R\$ 1.700,00 reais.

R\$ 10 agradecimento 14 benfeitores apoiando Muito obrigada por fazer parte dessa transformação! Em troca da sua colaboração, você receberá um agradecimento especial :)	R\$ 60 Oficina poética 4 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + a participação na oficina poética. 16 disponíveis.	R\$ 80 Oficina de horta 5 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + oficina de horta em qualquer lugar com Alessandra Nahra	R\$ 180 Oficina - Cartografia afetiva 2 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + a participação na oficina de cartografia afetiva com Ranyely Araujo 18 disponíveis.
R\$ 30 postal 31 benfeitores apoiando Muito obrigada por fazer parte dessa transformação! Além de um profundo agradecimento, você receberá um postal com fotos de construção pela Rafaela Arcuschin :)	R\$ 70 Oficina de artesanato de papel Seja o primeiro a apoiar! Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + a participação na oficina de artesanato de papel profundo agradecimento com Ana Maria. 20 disponíveis.	R\$ 100 festival 19 benfeitores apoiando Além do nosso profundo agradecimento, você é nosso convidado para um passeio pelo bairro + campeonato de futebol + churrasco :)	R\$ 180 Passeio urbano Seja o primeiro a apoiar! Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + expedição urbana com Renato Höfer
R\$ 50 banquete 60 benfeitores apoiando Muito obrigada! Além do nosso profundo agradecimento, você é nosso convidado para um almoço caseiro vegetariano, feito pela nossa querida Célia :)	R\$ 80 Cozinha de reaproveitamento 2 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + a participação na oficina de cozinha de reaproveitamento	R\$ 150 celebração 6 benfeitores apoiando Além do nosso profundo agradecimento, você é nosso convidado para um passeio pelo bairro + roda de capoeira + show Febre Terça	R\$ 200 Oficina - Construção de forno de barro 2 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + Oficina - Construção de forno de barro com Cecília Lotufo
R\$ 200 Oficina de fechamento de treliça bambu 9 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + oficina de fechamento de treliça de bambu com Roberto Payacan 11 disponíveis.	R\$ 400 Oficina de tratamento de águas cinzas 2 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + oficina de tratamento de águas cinzas e marrons com Vinicius Pereira e Lucas Ciolla 18 disponíveis.	R\$ 1.700 PDC 1 benfeitor apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + PDC Participação no Curso de Design de Permacultura 2018 do coletivo Permasampa e Instituto Casa da Cidade 01 disponível.	R\$ 1.700 programa 2 benfeitores apoiando profundo agradecimento + participação na imersão de 10 dias da Escola Sem Muros 2018 nos dias 19 a 30 de janeiro com os educadores Andressa Capriglione, Ranyely Araujo, Roberto Payacan, Herique Pinheiro e Tomaz Lotufo 27 disponíveis.
R\$ 400 Oficina de telhado verde 1 benfeitor apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + Oficina de telhado verde com Helena Ruetter e Arianne Azevedo	R\$ 800 CURSO - Arquitetura de Interesse Social 2 benfeitores apoiando Em retribuição à sua colaboração, você receberá o nosso profundo agradecimento e + Curso de Arquitetura de Interesse Social (20h) em março de 2018 com Nabil Bonduki, Renato Cymbalista, Claudia Visoni e Nadia Reclio		

Figura 15: Página da campanha de financiamento na internet

Fonte: Escola Sem Muros

A campanha durou pouco mais de um mês, encerrando-se às 23h59 minutos do dia 14 de dezembro de 2017, totalizando R\$ 30.301,00 em valores arrecadados e contabilizando 163 benfeitores diretos pelo site e também com diversas ações para potencializar a arrecadação e aprofundar os conceitos da proposta pedagógica da ESCOLA SEM MUROS para quem tivesse interesse em saber mais.

Em primeiro de dezembro de 2017 na sede do Sindicato de Arquitetos de São Paulo (SASP) foram apresentados o projeto e o processo metodológico para o desenvolvimento do trabalho a ser executado pela escola Sem Muros, no Espaço Cultural Jardim Damasceno, e convite para aqueles que, de forma colaborativa, pudessem contribuir com os preparativos para a imersão que aconteceria na segunda semana de janeiro de 2018 na região da Vila Brasilândia.

Diversos colaboradores, acreditando na força da proposta de transformação social do projeto de imersão, de forma voluntária, organizaram diferentes ações para



arrecadar fundos e dar suporte à empreitada. Uma das ações foi a doação de um curso de culinária de como fazer uma pizza no dia cinco de dezembro de 2017, pela proprietária Cecília Lotufo da Dona Rosa Pizzaria. Seriam abertas doze vagas a R\$ 80,00 cada, valores esses revertidos para o caixa da imersão.

No dia nove de dezembro de 2017, a equipe da Escola Sem Muros propõe um encontro para discussão e reflexões sobre os desafios dos dias atuais de viver em um mundo em transição e constantes transformações, buscando a direção de uma vida com propósito. O tema proposto para discussão foi: “de que formas a relação com o espaço urbano pode ser encarada como oportunidade de inovação e criação de espaços de autonomia e (re)existência”. (Escola Sem Muros 2017). Durante a conversa, conduzida pela jornalista e criadora do website Cidades para Pessoas, Natália Garcia, foi servido um bobó vegano preparado por ela. A contribuição de R\$ 35,00 foi revertida para o projeto do espaço cultural. Por fim, no dia quatorze de dezembro, último dia para as doações na campanha de financiamento coletivo, foi organizada uma confraternização com os apoiadores e interessados para celebrar as conquistas do presente e planejar as ações do futuro.

4. A IMERSÃO

Concluída a arrecadação necessária, via financiamento coletivo, tiveram início os trabalhos de imersão para a organização e planejamento do canteiro de obras e adequação das condições do barracão existente no local para o trabalho com os estudantes e a comunidade. A partir do dia 3 de janeiro de 2018 vários voluntários da comunidade compareceram ao local para começar os trabalhos de demolição de algumas paredes e do forro do Espaço Cultural, preparação da fundação para receber a nova estrutura e preparar a imersão, um curso de pedagogia prática e obra comunitária.

No dia 12 de janeiro de 2018, a uma semana para o início de imersão, a Subprefeitura chega com polícia, caminhão e escavadeira, com o objetivo de embargar a obra e recolher o material comprado com o dinheiro do financiamento coletivo que estava sendo utilizado nos preparativos.

Este fato demonstra como a cidade de São Paulo é construída na base da injustiça social, dos interesses de mercado e poder político. Depois de 25 anos de resistência dentro de um galpão precário construído com Madeirit e telhado de fibrocimento, realizando atividades socioculturais para superar a ausência do poder pública naquela região, quando cria-se condições de fortalecimento do espaço físico e da comunidade, chegam as autoridades para impedir esta emancipação.

Com o embargo da obra, a imersão foi redesenhada, afinal, ela não poderia deixar de acontecer pois o processo pedagógico em comunidades vulneráveis começa no entendimento da atuação de diversas forças que intervêm no espaço urbano. São movimentos como este promovido pela subprefeitura que dificultam o acesso das pessoas ao espaço público, tentando deslegitimar as organizações sociais. Nesta lógica é que são excluídas as mulheres, idosos e crianças da cidade.

Decidiu-se na imersão pré-fabricar os componentes estruturais como por exemplo as tesouras de bambu e guarda-los para quando a obra fosse liberada. Também foram propostos atividades e ciclos de conversa com ativistas da cidade de



São Paulo, ONG's e grupos culturais. Com este novo formato a imersão aconteceu fomentando o primeiro entendimento da pedagogia prática, o do direito a cidade.



Figura 16: Programação dos dias da imersão

Fonte: Escola Sem Muros

4.1 Primeiro dia, 19 de janeiro de 2018

No primeiro dia de imersão no espaço do Jardim Damasceno, os inscritos foram recepcionados pelos educadores/facilitadores e por pessoas da comunidade. O primeiro momento foi de aproximação lenta, de observação curiosa e maior percepção do espaço, bem como de suas relações com o entorno. Entre os participantes estavam estudantes de arquitetura, educadores de diversas áreas e de várias cidades dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, além de pessoas interessadas e atuantes no tema.

Dentro da proposta pedagógica do grupo da Escola Sem Muros, destaca-se a importância de mostrar aos participantes que todos os nossos sentidos são fundamentais para o desenvolvimento do processo educacional, intenção última dessa imersão, não só no que se refere à construção do espaço cultural em si, mas também, durante o processo projetual de escolhas, naquilo relativo às discussões e análise crítica do meio onde se insere o galpão e de suas relações com a comunidade.

É necessário articular todos esses elementos nas diferentes esferas - corpo, mente e meio. Assim ao longo dos dez dias de imersão, não só os aspectos da prática



construtiva foram trabalhados, mas também algumas dinâmicas mentais e corporais, tudo enriquecido por rodas de conversas, palestras e debates sobre experiências e conteúdos da temática proposta para o encontro, ou seja, a junção de diferentes saberes nas questões abordadas no início da construção desse processo participativo de intervenção em território de vulnerabilidade social, suas qualidades e suas mazelas, para que o resultado seja a proposta e o desenvolvimento de um trabalho participativo/coletivo coerente com a realidade no local.

Nesse contexto depois da recepção e aproximação inicial, sugeriu-se que todos participassem de uma atividade conjunta, no caso uma dinâmica de relaxamento com dança circular, para que o corpo e a mente iniciassem o processo de conexão entre as partes.

A seguir, houve a distribuição de cadernos que contam um pouco da proposta da Escola Sem Muros, do Espaço Cultural Jardim Damasceno, da programação da imersão e com algumas folhas em branco para anotações e desenhos/croquis.

Como a intenção da proposta, no sentido amplo da palavra, era construir toda uma ideia de forma participativa, dentro da dinâmica desse processo cada um deveria ter responsabilidades em relação ao grupo maior e, portanto, alguns grupos de trabalho foram formados. Cada um deles seria assessorado por um facilitador para cuidar do planejamento daquele período de imersão e ficaria responsável por algumas atividades principais, a saber: compra nas feiras da região e preparo dos alimentos; limpeza e organização dos espaços de trabalho e descanso; entretenimento das crianças da comunidade com brincadeiras, jogos e oficinas; orientação dos participantes nas diversas práticas de construção; suporte geral para o melhor funcionamento de todas atividades ao longo desse período de aprendizagem e ensinamentos.

4.2 Segundo dia, 20 de janeiro de 2018

Para acomodar os participantes da imersão fez-se uma parceria com uma organização não-governamental, CCA arte na rua (Centro da Criança e do Adolescente), responsável por um trabalho com crianças e adolescentes na região. Com sede própria instalada na parte mais alta da comunidade, portanto, inserida no tecido urbano existente, a organização garante um espaço para atividades extracurriculares no contraturno escolar, proporcionando aos adolescentes e crianças da comunidade atividades pedagógicas e alimentação durante o ano letivo. O problema é que, nas férias, esse espaço não funciona e, assim, o Espaço Cultural do Jardim Damasceno faz esse papel, tornando-se uma importante referência para a educação das crianças.

Duas salas desse espaço foram transformadas em alojamento coletivo para os participantes após a fixação de regras de convivência sugeridas de forma participativa pelo grupo, como limpeza do local, uso das instalações sanitárias, preparo do café da manhã e do jantar, lavagem da louça e qualquer atividade necessária para melhor uso coletivo do espaço.

Amanhece no Jardim Damasceno e a equipe do café da manhã, já está a postos. Depois de bem alimentados para um dia inteiro de trabalho, e do último gole de café, os participantes iniciam a descida de mais ou menos 15 minutos até o espaço cultural, que fica na cota mais baixa da região, no fundo do vale. Vale ressaltar que,

que depois de um dia inteiro de trabalho, essa descida de 15 minutos, transforma-se facilmente em uma subida íngreme de 30 minutos.

A caminhada do alojamento até a área de intervenção também faz parte do processo de trabalho e é, de fato, uma situação importantíssima para a aproximação dos participantes com o território, com as pessoas que lá habitam e com seu cotidiano. A partir da caminhada é possível entender um pouco e de forma mais natural a dinâmica das relações daquela população com o território construído. Cada descida é feita por um caminho diferente, cada dia um novo percurso, com novas descobertas, novos olhares, novas visuais, novos encontros. A apreensão real da cidade, percebida e vivida. Nada de conceitos abstratos sobre como as pessoas vivem nesses lugares, mas a realidade como ela é na sua essência, dura, dolorida, sem análises românticas de como seria a vida nas periferias de São Paulo. A vida real como é a vivida nessa parte da periferia da capital paulista.

Ao final do percurso de descida chegava-se no espaço cultural. Antes de tudo, era necessário organizar o espaço para dar início às atividades: limpeza, retirada de uma grande mesa do depósito e seu transporte para o espaço e colocação de cadeiras.

Ao lado do galpão a ser reformado, há um campo de futebol que faz parte daquele espaço cultural. O campo serviu para acolher as práticas físicas, dentro da proposta de dinâmica corporal matinal, ou seja, para acordar o corpo, integrar e alinhar a respiração.

A seguir, a roda formada para os exercícios físicos era substituída por uma roda de conversa com as pessoas da comunidade e a líder comunitária Noêmia Francisca, à frente do Espaço Cultural Damasceno há mais de 25 anos e pessoa fundamental na luta pelos direitos da população, acesso à cultura e à educação na região. A líder comunitária falou um pouco sobre a história daquele lugar e, junto com outros moradores, lembrou de fatos que os marcaram e que aconteceram ao longo dos anos.



Figuras 17: Jardim Damasceno década de 1980

Fonte: jornal Freqüesia News. Caderno de apresentação sobre o projeto Espaço Cultural



Após os relatos dos moradores e de Noêmia Francisca, a equipe de educadores/facilitadores da Escola Sem Muros expôs a intenção do seu programa de trabalho em comunidades em vulnerabilidade social, com base em uma pedagogia de arquitetura colaborativa processual: atuar no Espaço Cultural Damasceno com a participação das pessoas que moram na região e dos participantes da imersão.

A pausa para o almoço vegetariano, produzido por diversas mãos, de acordo com a proposta do trabalho coletivo em diferentes frentes, traduzia não só o ato de alimentar-se, mas um momento para discutir as informações assimiladas ao longo da manhã, compartilhando sensações, percepções e sentimentos. Além disso, o almoço era sempre aberto às pessoas da comunidade que se predispunham a colaborar com os trabalhos, às crianças que usavam o espaço ou estavam de férias e aos participantes da imersão.

A parte da tarde trouxe uma reflexão mais teórica, a partir da conversa sobre Educação Libertária, com os educadores Sócrates Magno Torres e Carol Sumie, esta última também psicóloga e uma das fundadoras da Escola Politeia, que se propõe a uma nova abordagem em relação ao sistema pedagógico. Bastante proveitosa, a conversa girou em torno de temas como a diferença entre educação popular e educação social, e sobre o que a escola impõe hoje aos seus alunos, entre outros temas importantíssimos.

Terminada a conversa bastante enriquecedora com os convidados, a atividade seguinte era uma oficina para fabricação de canecas de bambu, sob o comando do mestre bambuzeiro Roberto Payacan. A prática foi importante para que os participantes pudessem ter o primeiro contato direto com o material, sentir a textura, o peso e entender as suas propriedades técnicas em uma escala de fácil manuseio, inclusive para as crianças que quiseram participar daquele momento. Afinal, elas também faziam parte da vivência, já que a transformação coletiva também atuava no espaço de brincadeiras. Roberto Payacan fez uma breve explicação sobre a história e as características do bambu, mas que seriam aprofundadas mais à frente na imersão, quando da execução da estrutura do galpão e das tesouras da cobertura.

4.3. Terceiro dia, 21 de janeiro de 2018

A dinâmica corporal desse terceiro dia resumiu-se a uma prática de automassagem, com o objetivo de levar cada participante da imersão a entender seu próprio corpo e a aprender a cuidar dele.



*Figuras 18: Dinâmica de grupo automassagem.
Fonte: Autor*

Depois disso teve início a explicação do projeto em si, a parte prática tão esperada! Aproveitando a oportunidade do dia, de construir com bambu, foi organizada outra roda de conversa com as pessoas que mais entendem desse material multifacetado: os construtores e artesãos educadores Roberto Payacan, Pedro Aquino Burgos e Jair Vieira.



*Figuras 19: Início dos trabalhos da construção da tesoura de bambu.
Fonte: Autor*

À noite, depois do jantar, seguiu-se outra interessante discussão sobre o documentário *Visionários da Quebrada*, com as autoras desse admirável projeto que procura mostrar a criatividade que existe e brota de dentro das periferias das grandes cidades, no caso de São Paulo. O documentário busca revelar a produção de conhecimento e a imensa criatividade existente nas periferias paulistanas, de pessoas que contribuem para transformar suas comunidades, criando novas narrativas. O filme traz um olhar curioso e rico de dentro das periferias de SP e sobre elas.

4.4. Quarto dia, 22 de janeiro de 2018

Amanhecia no Jardim Damasceno e os participantes, já acostumados com a rotina diária, preparavam-se para mais um período de aprendizado e reflexões.



No quarto dia de imersão, o exercício sugerido aos participantes e as pessoas da comunidade foi compreender como o edifício do Espaço Cultural se relaciona com o entorno, quais eram as condicionantes de projeto que fragilizariam ou potencializariam as necessidades do local e da vida das pessoas. Tal leitura do território e da paisagem circundante foi coordenada pela arquiteta e urbanista Fernanda Ravanholi, e teve como produto final a realização de um grande mapa sensorial registrando os olhares e as novas ideias.

A discussão participativa sobre o mesmo território, mas com diferentes olhares, enriqueceu a leitura sobre o território. O contraponto de percepção sobre o espaço verificado entre aqueles que habitavam a região e aqueles que estavam lá só de passagem, nos dez dias de imersão, verificou-se um caldeirão rico em possibilidades de transformação. A construção de um projeto colaborativo e participativo, deveria sempre partir dessa premissa básica, que é a diversidade de atores, de gênero, classe social, faixa etária, raça, entre outros critérios.



Figuras 20: Desenvolvimento de projeto colaborativo
Fonte: Autor

4.5. Quinto dia, 22 de janeiro de 2018

O quinto dia de imersão começou com uma nova rodada de dança circular. Todos, adultos e crianças, dirigiram-se ao campinho de futebol e formaram uma



grande roda. A prática, dessa vez, foi comandada por um dos participantes Felipe Chammas, sempre objetivando aguçar a concentração de todos no momento presente, aspecto importante para preparar mental e fisicamente os participantes para o longo dia pela frente, pois a dança circular, além de trabalhar, focar e relaxar a mente, alonga os músculos do corpo para o trabalho braçal que estava por vir.

Depois da dinâmica, tiveram início os trabalhos práticos participativos, sempre coordenados por pelo menos um facilitador, para que a teoria, a execução e os processos se fundam em um só pensar e fazer.

Com algumas frentes já definidas na proposta inicial da imersão, ao longo dos primeiros dias e depois do mapa sensorial conjunto definiu-se continuar a execução da estrutura de bambu das tesouras da cobertura do Espaço Cultural; ajustar o projeto e fazer a estrutura da escada/arquibancada (proposta definida no exercício do mapa sensorial colaborativo) que ligaria o campo ao espaço cultural e trabalhar na horta comunitária, na parte de limpeza, plantio e organização interna e na delimitação do espaço interno, com uma cerca de bambus em pontaletes e tirantes.

Depois do almoço, durante roda de conversa com Nádia Reciola do Coletivo Permasampa e Jaison Lara da organização Ecoativa propôs-se uma conversa e reflexão sobre o direito à cidade e os conceitos da permacultura urbana, entendendo-se que as duas propostas se fundem com o mesmo objetivo, que é dar autonomia a população nas escolhas de como ocupar o território de forma sustentável, fortalecer laços de vizinhança, ampliar a percepção e exemplos de ações coletivas e colaborativas que deram certo. Entender o território, compreender os diferentes atores que fazem parte da comunidade e conjuntamente construir estratégias e ações para as transformações sociais. Logo depois dessa conversa, o grupo Fast Food da Política propôs a discussão sobre a região e suas questões de forma lúdica, a partir de jogos sócio/políticos, bastante interessantes para se refletir sobre os conceitos abordados na conversa.

4.6. Sexto dia, 23 de janeiro de 2018

No sexto dia de imersão, os coletivos Horta de Gueto e Batatas Jardineiras expõem sua filosofia de ação e propostas de intervenções na cidade: apropriar-se dos espaços vazios da malha urbana plantando e permitindo que os cidadãos incorporem os espaços da cidade abandonados, degradados e esquecidos, em espaços vivos, produtivos e mais humanos. Depois da conversa, de reflexões e de algumas dicas técnicas de como trabalhar em uma horta, organizou-se um grupo para a montagem de canteiros, poda de árvores e arbustos, e plantio de mudas.

Outro grupo continuou a trabalhar com a construção da escada que liga o campo de futebol ao espaço cultural. Interessante é perceber que o projeto vai se adequando ao longo do processo de construção, incorporando detalhes sugeridos por participantes de outros grupos e ajustando o que se pensou no papel com a realidade do terreno, o local da construção.

Outra frente de trabalho continuava a execução das tesouras de bambu, cada vez mais perfeitas, devido ao aprendizado do fazer ao longo dos dias da imersão.

Enquanto os trabalhos prosseguiam, atividades extras eram propostas para entreter também as crianças. Aulas de culinária, de como fazer um pão de queijo, as etapas, o trabalho em equipe, organização mostrada como um reflexo da metodologia do curso de imersão na perspectiva da criança.



*Figura 21: Organização da cerca de bambu da horta comunitária.
Fonte: Autor*



*Figura 22: Culinária com as crianças
Fonte: Autor*

4.7. Sétimo dia, 24 de janeiro de 2018

O trabalho começou cedo e continuou intenso durante toda a manhã, nas três frentes de construção que seguiam a todo vapor, já que o objetivo era terminar a tesoura da estrutura do telhado para visualizá-la por inteiro. Finalizar a escada para a criançaçada ter como acessar o campo de futebol de forma segura e também poder descansar depois de brincar.



Figura 23 e 24: Construção da escada/arquibancada para o campo de futebol.
Fonte: Autor

Logo depois do almoço, uma nova roda de conversa trouxe o tema "Tecendo Comum-unidades". Os facilitadores foram os educadores Ranyely Araujo e Fábio Miranda da Favela da Paz e a arquiteta Paula Lobato do coletivo Cozinha Comum, de Belo Horizonte. Cada um deles falou um pouco sobre as iniciativas das quais fazem parte, dos desafios encontrados no caminho, das surpresas e também dos resultados obtidos.

Nesse meio tempo, o grupo responsável por completar a tesoura da cobertura conseguiu terminá-la e a peça foi levada até a frente do espaço cultural e erguida como ato simbólico mostrando que, independentemente dos contratemplos que surgissem, a construção iria acontecer.

4.8. Oitavo dia, 25 de janeiro de 2018

O oitavo dia da imersão no Espaço Cultural Damasceno foi atípico. Logo cedo, o grupo foi até o município vizinho de Perus, para um encontro com a comunidade cultural Quilombaque. Esta é uma organização sem fins lucrativos que surgiu em 2005, a partir da iniciativa de um grupo de jovens, moradores de Perus, outro bairro periférico da zona noroeste de São Paulo e que concentra os piores índices socioeconômicos e culturais, onde as maiores vítimas são os jovens.



4.9. Nono dia, 26 de janeiro de 2018

O penúltimo dia da imersão encontrou os participantes bastante ativos e mergulhados no trabalho com o bambu, finalizando tudo o que havia sido começado para não deixar nada pela metade quando a imersão acabasse. Depois do almoço, a educadora Solange Amorim conduziu uma conversa bastante rica sobre territórios educadores e autogestão, a luta por qualidade no ensino, como catalizador de transformação social, a relação de pertencimento do território como algo vital para o enriquecimento do indivíduo como cidadão completo.

No final da tarde, quase anoitecendo, Fernando Ferreira, participante do primeiro PDC de permacultura no Jardim Damasceno, morador da região e colaborador atuante nas ações sociais e discussões para a comunidade da Brasilândia, conduziu uma profunda reflexão sobre o aprendizado, os encontros e as vivências. A discussão se deu em torno de uma grande fogueira, já que o fogo simboliza purificação, queima de conceitos fechados e o abrir espaço para o novo e para o outro. Foi um importante momento para entender todo o processo causado pela imersão e incorporado na vida de cada um dos participantes, a partir da interação com a comunidade e o território. Foi um trazer à luz da sociedade a vertiginosa desigualdade social existente nos municípios brasileiros, principalmente nas periferias das médias e grandes cidades e, como em conjunto, de forma colaborativa e participativas, diferentes atores da sociedade civil podem sugerir caminhos de transformação dessa realidade para os governantes.

4.10. Décimo(último) dia da imersão, 27 de janeiro de 2018

“Depois de dez dias juntos(as), construindo, aprendendo, cozinhando, ouvindo, colaborando e refletindo, é hora da despedida. Tudo continua, mas de um jeito diferente. O mesmo pode até continuar, mas muito mais rico e vivenciado de forma muito mais intensa.” (Coletivo Escola Sem Muros, 2018)

Para finalizar esse ciclo, um novo encontro com o grupo Quilombaque em uma roda de Jongo.



*Figura 25: Participantes do curso e a comunidade.
Fonte: Escola Sem Muros*

5. AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE NA IMERSÃO

Importante salientar a participação, o convívio e a troca de experiências com as crianças da comunidade que trouxeram diferentes olhares e outras perspectivas sobre a construção dos espaços da cidade.

Ao longo de toda imersão, as crianças compartilhavam os espaços, oficinas e momentos de aprendizados. Como janeiro é um período de férias escolares, o Espaço Cultural é naturalmente o ponto de encontro e de brincadeiras, nada mais justo que incorporar as crianças na programação dos eventos. Algumas ações foram moldadas com características específicas para garantir que os participantes se relacionassem com as crianças da comunidade. Além disso, mas não menos importante, as oficinas para os adultos eram assimiladas pela criançada de forma livre, descontraída e, com muito empenho, pelos pequenos cidadãos e pelas pequenas cidadãs.

Na oficina sobre a leitura do território circundante, o olhar sensível das crianças despertou os participantes para que fossem feitas propostas de ligações ativas entre pontos estratégicos subutilizados no tecido urbano da comunidade, enriquecendo os percursos feitos pelas crianças, qualificando o caminhar cotidiano, casa /área de brincar /espaços coletivos assistidos.

Tais conexões formariam a capilaridade de um percurso seguro, com boa caminhabilidade e indutor de desenvolvimento para o crescimento sustentável da criança em seu espaço, a percepção do mundo e inserção do pequeno ser no território construído (ou autoconstruído) na cidade informal. Para que se possa pensar em possibilidades de construção coletiva dos espaços, é de suma importância ter a escala da criança como protagonista para a concepção de instrumentos projetuais que sejam indutores de transformações reais no espaço.



*Figura 26: Crianças brincando nos brinquedos de bambus.
Fonte: Autor*



*Figura 27: Brincadeiras da imersão em conjunto com as crianças
Fonte: Autor*



6. ESPAÇO CULTURAL JARDIM DAMASCENO: O PROJETO ARQUITETÔNICO NA BIENAL DE VENEZA

O projeto do Espaço Cultural Jardim Damasceno, proposta realizada na Vila Brasilândia, em SP, e coordenada pelo grupo ESCOLA SEM MUROS (ESM), foi selecionada para participar do pavilhão brasileiro na 16ª Bienal de Arquitetura de Veneza” mostra realizada de 26 de maio a 25 de novembro de 2018. Em um paralelo com o nome do programa ESM, curiosamente o tema do pavilhão foi “Muros de Ar. As pranchas desenvolvidas para a seleção no Brasil, mostraram todo o processo de projeto em conjunto com a comunidade, enfatizando o uso de materiais de baixo impacto ambiental, o caráter pedagógico de sua construção conjunta entre estudantes e moradores locais e da campanha de financiamento coletivo realizada para arrecadar parte da verba necessária para a compra de materiais da obra. Informavam ainda que faltava apenas a aprovação da prefeitura para dar continuidade à obra.

Este projeto é parte de um processo de resistência e luta dos moradores do Jardim Damasceno na ocupação desta borda da cidade de São Paulo desde 1960.

Aqui a arquitetura tem sua força na apropriação e legitimação do território, junto aos moradores. Um espaço aberto e livre, em um bairro adensado e vulnerável, é potencialmente o lugar de conexão, aproximando escolas, moradores, organizações sociais e comerciantes, promovendo condições para o desenvolvimento integral da comunidade.

A beleza da arquitetura neste contexto está no processo. Valoriza-se neste projeto o espaço entre o desejo e o uso, o construir e habitar. No desenho, os momentos de convergência de ideias e criação, conexão entre saberes, participação popular em comunhão com arquitetos(as)

(texto do memorial da Escola Sem Muros apresentado para a Bienal de Veneza)

As figuras 28 a 30 demonstram as pranchas que foram apresentadas para o processo de seleção no Brasil. As figuras 31 a 34 são fotografias do painel e maquete expostos em Veneza.



O TERRITÓRIO

Escola Sem Muros - Espaço Cultural, Jardim Damasceno, Brasilândia - São Paulo, SP

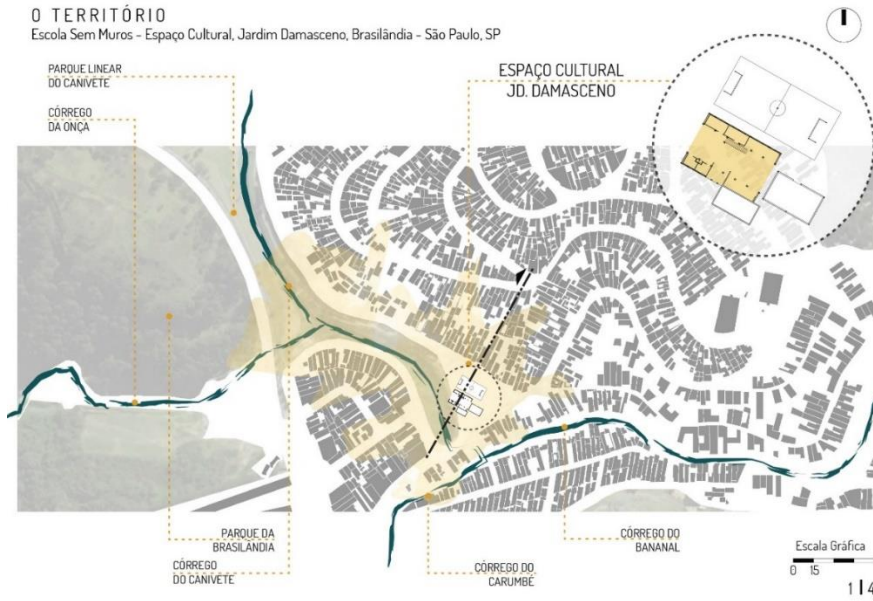


Figura 28: Prancha implantação Espaço Cultural Jardim Damasceno, Brasilândia, SP.
Fonte: Escola Sem Muros

O CORTE

Escola Sem Muros - Espaço Cultural Comunitário, Jardim Damasceno, Brasilândia - São Paulo, SP

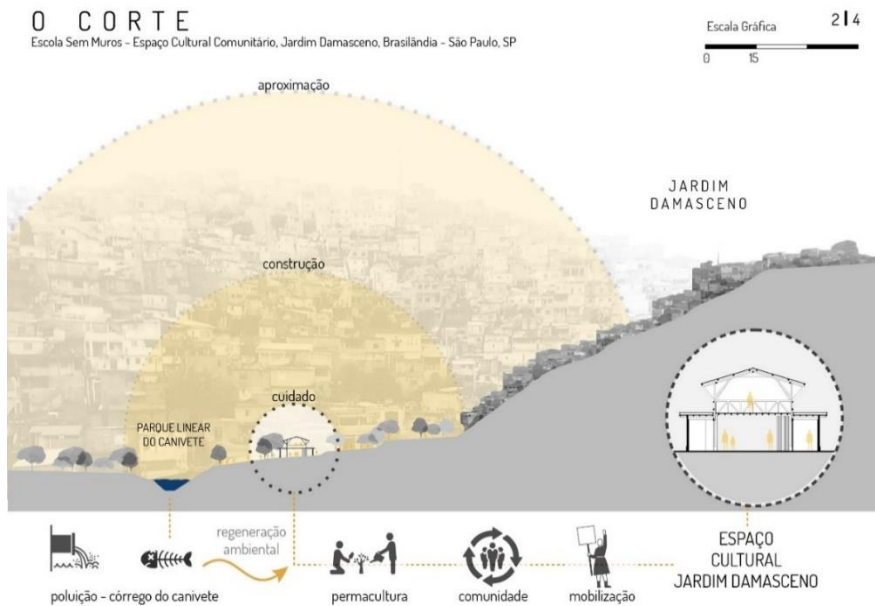


Figura 29: Prancha corte terreno Espaço Cultural Jardim Damasceno, Brasilândia, SP.
Fonte: Escola Sem Muros

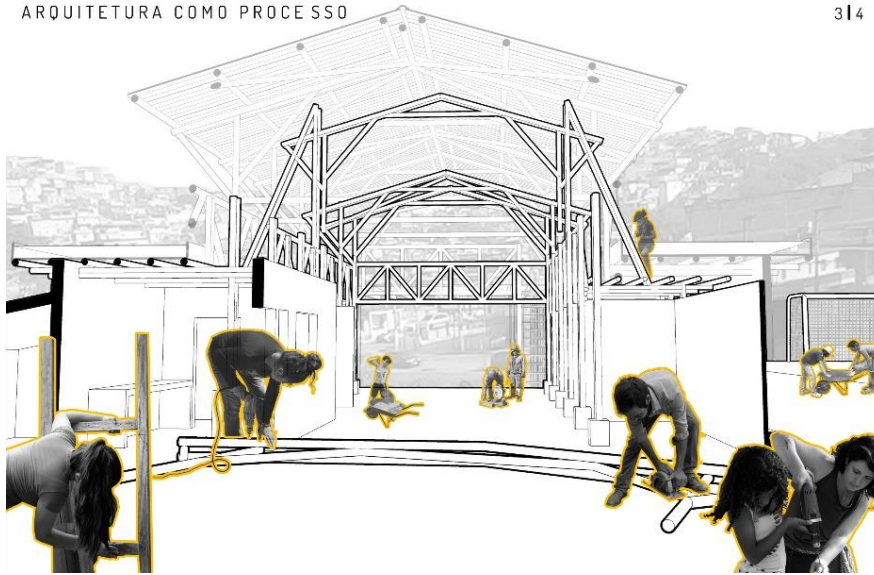


Figura 30: Prancha vista frontal Espaço Cultural Jardim Damasceno, Brasilândia, SP.
Fonte: Escola Sem Muros



Figuras 31: Exposição Espaço Cultural Jardim Damasceno na 16ª Bienal de Veneza de 2018.
Fonte: Escola Sem Muros



Figuras 31: Exposição Espaço Cultural Jardim Damasceno na 16ª Bienal de Veneza de 2018.

Fonte: Escola Sem Muros

CONCLUSÃO

Este artigo propõe uma reflexão de como a sociedade civil, pode atuar, de forma coletiva e participativa, em áreas de vulnerabilidade social, que não dispõem de serviços públicos básicos e nem tampouco de propostas governamentais de requalificação urbana que tragam melhorias efetivas para a população .

A ideia de potencializar a relação de pertencimento com o território, construindo conjuntamente possibilidades de intervenções, lançando mão de instrumentos projetuais colaborativos e entendendo as conexões entre os espaços fragmentados da periferia e uma leitura coerente da paisagem circundante, faz com que o espaço projetado não seja apenas um espaço, mas possa se transformar em lugar, na mais abrangente acepção do termo.

Além disso, deve-se salientar o papel de todos – homens, mulheres e crianças - na conformação desses espaços.

Para isso, a importância de reunir profissionais de várias áreas como educadores e facilitadores desse processo transversal de conhecimento, traduzido em ação prática de transformação do território, é essencial para se buscar um mundo mais igualitário, sustentável e mais humano.

A proposta do coletivo de arquitetos e arquitetas Escola Sem Muros sugere um caminho rico nessa perspectiva, de fortalecer relações colaborativas e atuar de



forma prática na construção de uma nova paisagem, mais humana e coerente com os anseios da população local.

A experiência da imersão no Jardim Damasceno demonstrou que a pedagogia prática em áreas de vulnerabilidade social envolvendo estudantes, educadores, comunidade local e profissionais, pode ser um dos caminhos de superação da quase inexistência da presença de arquitetos nestes espaços. Este processo demonstrou que aprender fazendo em situações reais preenchem uma lacuna no ensino, o entendimento da arquitetura de maneira integral. Arquitetura além da forma, com peso e trabalho humano, contextualizada ao lugar e as pessoas.

O impedimento de continuidade da obra e a persistência em realizar a imersão da Escola Sem Muros no Jardim Damasceno revelou a ausência de direito à cidade e a percepção da importância deste trabalho para legitimar o espaço no contexto urbano. Se a cidade é desenhada por interesse pessoais e não coletivos, ela deixa de pertencer a todos e todas. Neste estudo foi possível perceber que projetar e construir coletivamente promove o entendimento do comum, de como cuidar do coletivo, quais são os deveres e direitos para se ter uma vida digna.

Portanto processos como o apresentado neste artigo são ações necessárias para promover inclusão e situações de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

ÁUSTRIA. URBAN DEVELOPMENT VIENNA. *Gender Mainstreaming in Urban Planning and Urban Development*. Vienna: Hozhausen Druck GmbH, 2013. 104

BERTUOL, C. *A criança e o Estatuto da Criança e do Adolescente: um estudo sobre a polissemia da criança nos espaços públicos*. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BERTUOL, C.; SPINK, M. J. P. (2008). *Crianças no espaço urbano: Um estudo sobre políticas públicas no contexto das "cidades amigas da criança"*. Tese de doutoramento em Psicologia social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.

Concept Paper 2016 (DRAFT). *Urban 95 Latin América*. Bernard van Leer Foundation.



CORTÉS, José Miguel G. *Políticas do espaço. Arquitetura, gênero e controle social*. São Paulo: Senac, 2008.

DEAN, A.O.; & Hursley, T. *RURAL Studio Samuel Mockbee and an Architecture of Decency*. New York: Princeton Architectural Press. 2002.

HART, R. *Children cities and Psychological theories*. New York: UNICEF. 1997

HOLMGREN, David. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*; tradução Luiza Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 1ª ed. São Paulo: Moraes, 1991. (p. 96-109).

_____. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2006 (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Anthropos, 2000).

LOTUFO, Tomaz A. *Um novo ensino para outra prática. Rural Studio e Canteiro Experimental: contribuições para o ensino de arquitetura no Brasil*. 2014. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LYNCH, K. *Growing Up in Cities: Studies of the Spatial Environment of Adolescence in Cracow, Melbourne, Mexico City, Salta, Toluca and Warsaw*. UNESCO: 1977.

MOLLISON, Bill. *Permaculture: a designer's manual*. Second edition. Tagari Publications, Austrália, 1988.

MOLLISON, Bill; Slay, R. M. *Introdução a Permacultura*. Tradução: André Soares. PNFC, MA, Fundação Daniel Efraim Dazcal, Brasília, 1998.

MONTANER, Josep Maria.; MARTINEZ, Zaida Muxi. *A cidade próxima: o urbanismo sem gênero*. In: *Arquitetura e Política: Ensaio para mundos alternativos*. Barcelona: G. Gili, 2011, p.197-210.

_____. *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. Barcelona: G. Gili, 2017.

MONTANER, José M. *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. Barcelona: G. Gili, 2017.

MORROW, Rosemary. *Permacultura passo a passo*. Ecocentro IPEC. PAL/Ecocentro IPEC, IPEP, IPA, OPA, 1993.

MUXI, Zaida. *Ateliês Participativos. Construção do conhecimento. Atividades Práticas*. *Arquitetura e política com Josep Maria Montaner*. Barcelona: G. Gili, 2014.

PIRES, Célio. BRASILÂNDIA. Disponível em: < www.spbairros.com.br/brasilandia>. Acesso em 05 de outubro de 2018.

RURAL STUDIO at twenty. Designing and building in Hale County, Alabama. Andrew Freear, Elena Barthel, Andrea Oppenheimer Dean. 2014

SMALL CHILDREN - Big Cities. Child-Friendly 21st -Century India. November 2014. New Delhi, India. Impact Through Design Intervention. 2014

SPINK, M. J. P. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, M. J. P.; SPINK, P. K. (org.). *Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade*. Uma semana de notícias nos jornais. São Paulo: Cortez, 2006.

TAVARES, Rossana B. *Uma análise das desigualdades de gênero em favelas do Rio de Janeiro: Perspectiva do reconhecimento para o urbanismo*: Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 12, n. 2, 2016, p. 48-67. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/6091/4401>>. Semestral. Acesso em: 23 abr. 2016.

TONUCCI, Francesco. *La città dei bambini: un modo nuovo di pensare la città*. Milano: Zeroseiup, 2015,

WARD, C. *The Child in the City*. New York: Pantheon, 1979, p. 128.

WEISMAN, Leslie K. 'Women's Environmental Rights: A Manifesto' from Heresies: A Feminist Publication on Art and Politics. In: RENDELL, Jane et al. *Gender, Space and Architecture: an interdisciplinary introduction*. London: Routledge, 2003. p. 1-5.

WIEN GV. Rodolf-Bednar-Park. Disponível em: <<https://www.wien.gv.at/english/environment/parks/bednar.html>>. Acesso: 10 maio 2018.

WILSON, Elizabeth. *Sexuality and Space*: Edited by Beatriz Colomina. Harvard Design Magazine, Cambridge, n.1, 1997, semestral. Disponível em: <<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/1/sexuality-and-spaceedited-by-beatriz-colomina>>. Acesso em 15 maio 2018.